



Leia os artigos que quiser, até ao fim.

Com uma assinatura PÚBLICO tem acesso ilimitado a todos os conteúdos e cancela quando quiser.

Saiba mais

Mas não é assim com Luís de Camões. Os ecos da sua figura e da sua obra passam de geração em geração. São memória e criam memória. São património, mas não deixaram de fazer parte da cultura viva. Pertencem ao século XVI, mas são ainda uma instância de diálogo.

O poeta torna-se familiar na Escola. Decoram-se versos de sonetos e de redondilhas; fica-se a saber quem é a Leonor que vai para a fonte ou a Bárbara de pele negra, que faz com que a neve deseje trocar de cor. Tomamos contacto com Inês de Castro, o Velho do Restelo, o Adamastor, Baco, Vénus e outras figuras saídas do espaço fértil e livre que só a boa poesia assegura.

E deixamo-nos fascinar pela ilha dos amores, nela acompanhando o sonho camoniano de uma *Humanidade melhor*. Não esquecemos a figura de Vasco da Gama, sobretudo quando ele é conduzido ao cimo de um alto monte, pela mão gentil e segura de Tethys. Através do navegador, beneficiamos, também nós, do prémio supremo: a revelação das harmonias do espaço e do tempo, vedadas aos “olhos corporais”.

Camões quis que a viagem terminasse com uma recompensa. Não se trata de uma recompensa material, porque a viagem não se limita a esse plano. Nem poderia destinar-se apenas aos portugueses, uma vez que o incerto itinerário que une o Ocidente e o Oriente é cumprido pelo ser humano, no seu todo.

Para além da vertente erótica (aquela que mais se faz notar), a dita recompensa compreende ainda um carácter abstrato ou metafísico. Falo do Amor e do Conhecimento, os pilares da utopia camoniana.